

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
FÍSICA

IMPACTO DAS AULAS DE ATLETISMO ADAPTADO NA QUALIDADE DE VIDA DOS
ALUNOS COM TEA DO PROGRAMA PARADESPORTO BRASIL EM REDE: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Saulo Rafael Fernandes Vasconcelos Silva

São Luís - MA

2025

Saulo Rafael Fernandes Vasconcelos Silva

**IMPACTO DAS AULAS DE ATLETISMO ADAPTADO NA QUALIDADE DE VIDA DOS
ALUNOS COM TEA DO PROGRAMA PARADESPORTO BRASIL EM REDE: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Artigo apresentado na Universidade Federal do Maranhão como requisito
básico para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física.**

**Orientador (a): Prof. Dra. Elizabeth
Santana Alves de Albuquerque**

SAULO RAFAEL FERNANDES VASCONCELOS SILVA

IMPACTO DAS AULAS DE ATLETISMO ADAPTADO NA QUALIDADE DE VIDA DOS
ALUNOS COM TEA DO PROGRAMA PARADESPORTO BRASIL EM REDE: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aprovado em: ____ / ____ / 2025

Banca Examinadora

Prof. Dra. Elizabeth Santana Alves de Albuquerque
(Orientadora)

Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra
(Examinador)

Prof. Dra. Jucélia Neres Ferreira
(Examinadora)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Saulo Rafael Fernandes Vasconcelos.

Impacto das aulas de atletismo adaptado na qualidade de vida dos alunos com tea do programa Paradesporto Brasil em Rede : um relato de experiência / Saulo Rafael Fernandes Vasconcelos Silva. - 2025.

16 f.

Orientador(a): Elizabeth Santana Alves de Albuquerque.

Curso de Educação Física - Licenciatura, Universidade Federal do Maranhão, São Luis-ma, 2025.

1. Autismo. 2. Atletismo Adaptado. 3. Paradesporto.
I. Albuquerque, Elizabeth Santana Alves de. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), por meio do Programa Paradesporto Brasil em Rede, pela oportunidade de vivenciar uma experiência prática e transformadora no campo da Educação Física Adaptada.

Aos professores e professoras do curso de Educação Física, que ao longo da graduação ofereceram bases teóricas e sensibilidade crítica para lidar com a diversidade. Em especial, agradeço a professora Carina Helena Wasem Fraga Bianco, por ter estendido a mão, me acolhido e não ter deixado eu desistir! Você esteve lá quando mais precisei. Agradeço também a minha orientadora Prof. Dra. Elizabeth Santana Alves de Albuquerque, pelo apoio durante a construção deste trabalho.

A toda a minha equipe multiprofissional de treinadores, que esteve comigo em cada etapa da preparação atlética. Em especial, à Maria Regina e ao Yuri Flagmon (Vovô): graças a vocês, alcancei o desempenho que tanto sonhei e consegui realizar o meu maior sonho de infância. Obrigado por acreditarem em mim mesmo nos momentos mais difíceis.

A minha mãe por se esforçar, trabalhar para que eu tivesse a oportunidade de estudar em uma faculdade pública.

A minha namorada Debora Raquel Costa Moreira, pelo companheirismo e amor dados durante minha trajetória. Obrigado por acreditar em mim mesmo quando eu duvidei. Este trabalho também carrega sua força e companheirismo.

Agradeço também a todos os professores, alunos, monitores envolvidos no PPBR, além da Secretaria Nacional do Paradesporto. Vocês foram fundamentais para que isso aconteça.

A todos e todas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que essa trajetória se concretizasse, meu sincero agradecimento.

IMPACTO DAS AULAS DE ATLETISMO ADAPTADO NA QUALIDADE DE VIDA DOS ALUNOS COM TEA DO PROGRAMA PARADESPORTO BRASIL EM REDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Saulo Rafael Fernandes Vasconcelos Silva¹
Dra. Elizabeth Santana Alves de Albuquerque²

Resumo

Este relato de experiência descreve a atuação como monitor em aulas de atletismo adaptado para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Programa Paradesporto Brasil em Rede, realizado na Universidade Federal do Maranhão, entre abril de 2024 e julho de 2025. O objetivo do estudo foi compartilhar a experiência, destacando as atividades desenvolvidas, as adaptações pedagógicas e os desafios superados. A metodologia qualitativa baseou-se em um relato de experiência com observação participante, registro em diário de campo e filmagens para análise do progresso motor e comportamental. As intervenções incluíram circuitos lúdicos, uso de materiais adaptados e a simplificação de regras e estímulos visuais para crianças de 8 a 16 anos. Os resultados observados indicaram melhorias significativas no comportamento, na coordenação motora e na autonomia dos participantes. A experiência reforça o potencial do esporte como ferramenta de inclusão, fortalecimento da autoestima e cidadania, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas na educação física inclusiva e apontando caminhos para políticas públicas mais eficazes

Palavras-chave: Autismo. Atletismo Adaptado. Paradesporto.

Abstract

This experience report describes the author's role as a monitor in adapted athletics classes for students with Autism Spectrum Disorder (ASD) within the

¹ Graduando em Educação Física pela Universidade Federal do Maranhão.

E-mail: saulo.vasconcelos@discente.ufma.br / sallo_fernandes@outlook.com

² Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Maranhão , Brasil

Professora da Universidade Federal do Maranhão, Brasil. E-mail: Elizabeth.alves@ufma.br

Paradesporto Brasil em Rede Program, conducted at the Federal University of Maranhão from April 2024 to July 2025. The study's objective was to share the lived experience, highlighting the main activities, pedagogical adaptations, and challenges encountered. Using a qualitative, experience-based methodology, data was gathered through participant observation, field diary notes, and filming to analyze motor and behavioral progress. Interventions for students aged 8 to 16 involved playful circuits, adapted equipment, and simplified rules and visual cues. Observed results indicated significant improvements in participants' behavior, motor coordination, and autonomy. This experience underscores the potential of sports as a tool for inclusion, self-esteem, and citizenship, contributing to inclusive physical education practices and suggesting pathways for more effective public policies.

Keywords: Autism. Adapted Athletics. Parasports.

1 Introdução

Historicamente, a participação de pessoas com deficiência na sociedade e no esporte foi marcada por exclusão e invisibilidade, especialmente no período pré-Segunda Guerra Mundial, quando muitos indivíduos eram institucionalizados, afastados e excluídos de atividades comunitárias, educacionais e esportivas sob a justificativa de incapacidade ou proteção (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2021). Após esse período, movimentos de reabilitação e a criação de eventos voltados para esse público, impulsionados principalmente pelo grande número de debilitados advindos da guerra, como os Jogos de Stoke Mandeville, em 1948, considerados o marco inicial das Paralimpíadas (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2025), consolidaram o esporte adaptado como ferramenta de inclusão e reabilitação, apoiado por políticas públicas e tratados internacionais, como a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006). Atualmente, a participação esportiva de pessoas com deficiência é reconhecida como um direito fundamental e um meio de promoção da cidadania, respeito e autonomia.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits na comunicação social, comportamentos repetitivos e dificuldades de interação (EVANGELHO et al., 2021). Afeta cerca de 1 em cada 54 crianças nos Estados Unidos (MAENNER et al., 2023) estima-se que existam mais de dois milhões de pessoas no Brasil (BRASIL, 2022). Crianças com TEA frequentemente apresentam atrasos motores, dificuldades de

coordenação e equilíbrio, impactando sua participação em atividades físicas regulares e oportunidades de socialização (HEIDRICH et al., 2022; MONTEIRO et al., 2023). No contexto escolar, práticas de Educação Física centradas no rendimento tendem a excluir esse público, enquanto abordagens adaptadas e lúdicas podem promover inclusão e desenvolvimento (BREMM, 2020; ASSUNÇÃO, 2019).

O atletismo adaptado apresenta-se como uma modalidade estratégica, por sua diversidade de provas, facilidade de adaptação de regras e implementos, e possibilidade de progressão individualizada (MATTHIESEN, 2007; GEMENTE; MATTHIESEN, 2017). Estratégias como o uso de recursos visuais, simplificação de regras e estruturação de rotinas fixas são especialmente benéficas para crianças com TEA, criando ambientes previsíveis e seguros (ASSUNÇÃO, 2019).

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência do autor como monitor nas aulas de atletismo adaptado do Programa Paradesporto Brasil em Rede (PPBR), desenvolvido na Universidade Federal do Maranhão, destacando as principais atividades desenvolvidas, as adaptações realizadas, os desafios enfrentados e os resultados observados com crianças de 8 a 16 anos com TEA. A justificativa para a investigação reside na escassez de estudos específicos sobre o atletismo adaptado voltado a esse público, o que representa uma lacuna na literatura e reforça a relevância de documentar práticas eficazes.

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, do tipo relato de experiência, fundamentada em observação participante, registros em diário de campo e análise qualitativa de filmagens realizadas durante as sessões, com consentimento prévio dos responsáveis. As atividades foram planejadas e executadas em equipe, considerando adaptações de materiais, níveis de dificuldade e estratégias pedagógicas alinhadas às necessidades individuais dos alunos.

2. Desenvolvimento

2.1 Inclusão de pessoas com deficiência no Esporte

A inclusão de pessoas com deficiência no esporte é fruto de um processo histórico que, até meados do século XX, foi marcado por exclusão social e invisibilidade. Antes da Segunda Guerra Mundial, predominava a institucionalização e o afastamento desses indivíduos das atividades comunitárias, educacionais e esportivas, com base em concepções restritivas de incapacidade (OLIVEIRA;

RODRIGUES, 2021). A mudança de cenário ocorreu a partir de movimentos de reabilitação, como os Jogos de Stoke Mandeville, organizados em 1948 por Ludwig Guttmann, que inauguraram uma nova perspectiva sobre o esporte como ferramenta de reabilitação e inclusão (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2025).

Atualmente, o esporte adaptado é reconhecido como direito fundamental e instrumento de promoção de autonomia, autoestima e integração social (ONU, 2006). Contudo, ainda persistem barreiras estruturais, como a falta de acessibilidade e de capacitação profissional, especialmente no atendimento a pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (BRASIL, 2022; MANTOAN, 2005).

2.2 O Transtorno do Espectro Autista e a Prática Esportiva

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits na comunicação social, padrões de comportamento restritos e repetitivos, e variação significativa nos níveis de suporte necessários (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Sua etiologia é multifatorial, envolvendo aspectos genéticos e ambientais (EVANGELHO et al., 2021), e sua prevalência global vem crescendo, com estimativas de que afete 1 em cada 54 crianças (MAENNER et al., 2023).

Pessoas com TEA frequentemente apresentam atrasos no desenvolvimento motor, dificuldades de coordenação e problemas de integração sensorial, o que impacta diretamente a participação em atividades físicas (HEIDRICH et al., 2022; MONTEIRO et al., 2023). Essas barreiras reforçam a importância de intervenções pedagógicas adaptadas, com ambientes previsíveis e estratégias visuais e motoras específicas (ASSUNÇÃO, 2019).

2.3 O Atletismo como Ferramenta Inclusiva

O atletismo, por sua diversidade de provas e possibilidade de fragmentação das habilidades motoras, apresenta grande potencial para inclusão de crianças com TEA. Provas como corridas, saltos e lançamentos podem ser subdivididas em componentes simples e adaptadas conforme o nível de habilidade de cada aluno (BREMM, 2020; MATTHIESEN, 2007).

Recursos como uso de implementos alternativos (cones, bambolês, cordas), demarcações visuais, simplificação de regras e progressão individualizada tem sido apontada como estratégias eficazes (GEMENTE; MATTHIESEN, 2017; ASSUNÇÃO, 2019). A previsibilidade e a estruturação das aulas, aquecimento, atividade principal

e desaquecimento, são fundamentais para reduzir ansiedade e favorecer a participação (HEIDRICH et al., 2022).

2.4 Lacunas na Literatura e Justificativa do Estudo

Embora existam pesquisas sobre benefícios de atividade física para pessoas com TEA, há escassez de estudos focados no atletismo adaptado. A maior parte das investigações concentrou-se em modalidades como natação e dança-terapia (TEIXEIRA-MACHADO, 2015; TOSCANO et al., 2022). Essa lacuna reforça a importância de relatos de experiência que documentem práticas pedagógicas e adaptação de modalidades específicas.

O presente estudo contribui ao relatar práticas aplicadas no Programa Paradesporto Brasil em Rede (PPBR), com adaptações metodológicas e resultados observados no contexto real de intervenção com crianças e adolescentes com TEA.

2.5 Estratégias de Adaptação e Vivência no Programa Paradesporto Brasil em Rede

O Programa Paradesporto Brasil em Rede (PPBR), desenvolvido na UFMA, teve como objetivo desenvolver atividades de atletismo adaptado para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com idades entre 8 a 16 anos, sendo 28 meninos e 2 meninas, essas estatísticas corroboram com os achados de Guerra (2020) sobre a maior prevalência do autismo em homens do que mulheres. A experiência relatada refere-se à atuação do autor como monitor do projeto entre abril de 2024 e julho de 2025, no contexto de um projeto de extensão universitária que aliou prática pedagógica e formação acadêmica.

Antes do início das atividades do projeto, todos os alunos e seus respectivos responsáveis participaram da aplicação de um questionário socioeconômico, a fim de caracterizar o perfil do público atendido. Além disso, os alunos foram submetidos a avaliações físicas iniciais, as quais foram reaplicadas a cada três meses (protocolo da SNPAR), em conformidade com as recomendações da Secretaria Nacional do Paradesporto (SNPAR). Embora o estudo se configure como um relato de experiência, todos os participantes e responsáveis legais assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem, assegurando o cumprimento dos preceitos éticos pertinentes à pesquisa com seres humanos. Quando a equipe iniciou as atividades na UFMA, foi verificada a ausência de implementos específicos para

crianças exigindo criatividade e adaptação por parte dos monitores. Foram utilizados materiais do curso de Educação Física e confeccionados equipamentos alternativos, como pesos, discos e martelos, a partir de recursos simples e reutilizados, seguindo orientações adquiridas nas disciplinas e formações prévias (MATTHIESEN, 2007). As atividades são planejadas em reuniões semanais, com a definição de estratégias adaptadas ao perfil de cada turma.

A fase inicial de intervenção buscou a familiarização dos participantes com o espaço e com a modalidade, utilizando brincadeiras como “morto-vivo” e “pegador” além de introduzir educativos básicos de corrida de maneira lúdica como forma de preparar os alunos para as atividades posteriores. As propostas eram estruturadas com três níveis de dificuldade (fácil, médio e difícil), adaptação essa que foi inspirada nos níveis de suporte do Manual DSM-5 (suportes 1,2 e 3), permitindo atender à diversidade de repertórios motores presentes na turma. Essa abordagem está alinhada às recomendações de Assunção (2019), que destaca a importância de ambientes previsíveis e adaptados para o engajamento de alunos com TEA.

Na introdução das provas, optou-se por iniciar com corridas de resistência, velocidade e com barreiras, utilizando linguagem simples e demonstração prática como principal recurso instrucional, essas provas do atletismo foram escolhidas devido a baixa necessidade de material, e facilidade de adaptação. Com o avanço do grupo, foram incluídos os saltos horizontais, inicialmente por meio de atividades lúdicas, como imitar movimentos de animais. No salto em distância, a obrigatoriedade da tábua de impulsão foi retirada no início e reintroduzida gradualmente de acordo com a progressão do grupo. Para o salto triplo, bambolês coloridos indicavam a troca de pernas, sendo posicionados próximos no início e afastados progressivamente até cinco metros.

A padronização da estrutura das aulas, composta por aquecimento, alongamento, coordenação, mobilidade e desaquecimento, mostrou-se essencial para manter a previsibilidade e reduzir comportamentos de desregulação, conforme defendido por Heidrich et al. (2022). Um exemplo significativo foi o de um aluno que, ao chegar desregulado, não respondeu a comandos diretos, mas gradualmente retomou a participação após uma abordagem acolhedora e sem cobranças, evidenciando que, em alguns casos, o vínculo antecede a instrução formal (MONTEIRO et al., 2023).

O uso de circuitos foi uma das estratégias principais. Entre as estações, incluíam-se corrida com obstáculos, saltos sobre barreiras, salto triplo com marcações visuais, arremesso de bolas de diferentes tamanhos em alvos diversos e corridas em dupla, estimulando tanto a coordenação motora quanto o trabalho em equipe (HEIDRICH et al., 2022; MONTEIRO et al., 2023). Os impactos observados incluíram melhora no repertório motor, aumento da autonomia, maior interação social e fortalecimento da autoestima, resultados compatíveis com achados de Toscano et al. (2022) e Jesus et al. (2024) sobre os benefícios do exercício físico estruturado para pessoas com TEA.

Além dos efeitos diretos sobre os alunos, a participação no PPBR impactou a formação dos monitores, exigindo desenvolvimento de competências como sensibilidade na mediação, adaptação de atividades e tomada de decisão em contextos imprevisíveis. Essa vivência prática supriu lacunas na formação acadêmica relacionadas à inclusão e à atuação com populações específicas (GEMENTE; MATTHIESEN, 2017).

3. Resultados e Discussão

A experiência como monitor nas aulas de atletismo adaptado do Programa Paradesporto Brasil em Rede (PPBR) evidenciou a eficácia de estratégias pedagógicas fundamentadas na previsibilidade, adaptação e mediação sensível para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Conforme Assunção (2019), a manutenção de uma sequência fixa — aquecimento, atividades principais e desaquecimento — contribui para a redução de comportamentos de desregulação. No entanto, em dias de maior sensibilidade sensorial, alguns alunos não seguiam a rotina estabelecida, exigindo intervenções imediatas e flexibilidade dos monitores. Essa necessidade confirma a análise de Gemente e Matthiesen (2017) sobre a importância da formação docente para lidar com variabilidades individuais.

As observações iniciais mostraram resistência à participação e dificuldades de comunicação, compatíveis com os atrasos motores e limitações de autorregulação descritos por Heidrich et al. (2022). Um caso emblemático foi o de um aluno que se recusou a participar das atividades até receber acolhimento individual, reforçando as conclusões de Monteiro et al. (2023) de que segurança emocional e ambiental são pré-requisitos para o desenvolvimento motor.

A adoção de circuitos lúdicos e cooperativos, com obstáculos, saltos adaptados e corridas em dupla, seguiu a proposta de Bremm (2020) de substituir a lógica competitiva por desafios colaborativos. Essa abordagem favoreceu a interação entre os participantes, reduziu a ansiedade e ampliou o engajamento, enquanto a adaptação de implementos, como bambolês coloridos para o salto triplo, corroborou as orientações de Matthiesen (2007) e Gemente e Matthiesen (2017) sobre a importância de recursos visuais e materiais alternativos para facilitar a compreensão e execução das tarefas.

Além das melhorias no desempenho motor, verificou-se aumento da autonomia, com os alunos passando de dependentes de instruções verbais para iniciadores espontâneos de movimentos e interações. Houve também avanços significativos na socialização, com relatos de familiares sobre melhor convivência em casa e na escola, alinhando-se à perspectiva de Petris (2016), Bezerra (2013) e Toscano (2022) de que o esporte adaptado pode atuar como ponte para outras esferas de convivência social.

Do ponto de vista estrutural, a escassez de implementos e a limitação de infraestrutura reforçaram a dependência do improviso e da criatividade da equipe, situação que confirma a crítica de Gorski e Pereira (2013) sobre a insuficiência de políticas institucionais e recursos adaptados para o atendimento de alunos com deficiência. A diversidade de perfis observada, em idade, repertório motor e níveis de sensibilidade, mostrou que protocolos padronizados devem servir como ponto de partida, mas precisam ser constantemente ajustados para atender às necessidades individuais.

4. Conclusão

As atividades, estruturadas pelos monitores de forma lúdica e cooperativa, promoveram avanços no desenvolvimento motor, aumento da autonomia e melhorias na socialização dos participantes. Entre os principais desafios enfrentados estiveram o manejo de comportamentos de desregulação dos alunos e comportamentos estereotipados, a grande diferença de habilidades motoras dos alunos e a escassez de implementos adaptados do atletismo, superados por meio da criação de implementos alternativos com recursos reciclados, flexibilização das regras e divisão de tarefas entre os monitores e coordenadora do projeto.

Além de beneficiar os alunos, a experiência contribuiu para a formação dos monitores, expandindo competências como trabalho em equipe, tomada de decisões

e atuação inclusiva. Os resultados reforçam o potencial do atletismo adaptado como ferramenta de inclusão e transformação social, recursos, bem como a necessidade de políticas públicas que garantam infraestrutura e sua aplicação na realidade além da capacitação contínua para sua implementação.

Recomenda-se que futuras pesquisas utilizem instrumentos padronizados de avaliação para mensurar de forma objetiva os impactos motores, sociais e comportamentais das intervenções, ampliando a base de evidências sobre o atletismo adaptado para pessoas com TEA.

Em resumo, a intervenção no PPBR demonstrou que o atletismo adaptado, quando orientado por fundamentos inclusivos e mediado por profissionais capacitados, promove avanços motores, sociais e comportamentais em crianças e adolescentes com TEA. Ao mesmo tempo, oferece aos monitores uma formação prática valiosa, que desenvolve competências pedagógicas, sociais e humanas essenciais para atuação em contextos inclusivos.

5. REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, F. dos S. *A importância da intervenção fonoaudiológica no processo de aquisição da linguagem da criança com transtornos do espectro do autismo (TEA)*. Fortaleza: Faculdade Pitágoras, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia). Disponível em:

<https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/27131/1/FRANCISCA+TCC+2.pdf>
f. Acesso em: 12 mar. 2025.

BARROS-FERNÁNDEZ, S. et al. Effects of Square-Stepping Exercise on Motor and Cognitive Skills in Autism Spectrum Disorder Children and Adolescents: A Study Protocol. *Healthcare (Basel, Switzerland)*, v. 10, n. 3, p. 450, 28 fev. 2022.

BEZERRA, T. L. Educação inclusiva e autismo: a educação física como possibilidade educacional. *Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício*, v. 12, n. 4, p. 244–247, 10 ago. 2013.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-baseslei-9394-96#art-5>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BRASIL. *Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012*. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 13 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança*. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-doespectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em: 13 maio 2020.

BREMM, D. Atletismo na escola: uma proposta alternativa de ensino. In: ALMEIDA, R. S. D.; FOLMER, I.; MACHADO, G. E. (Org.). *Questões em debate: contemporaneidades*. 1. ed. [S.l.]: Arco Editores, 2020. p. 287–295.

DORESWAMY, S. et al. Effects of Diet, Nutrition, and Exercise in Children With Autism and Autism Spectrum Disorder: A Literature Review. *Cureus*, v. 12, n. 12, p, Acesso em 22 dez. 2024

EVANGELHO, V. et al. Autismo no Brasil: uma revisão sobre estudos em neurogenética. 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/356149657>. Acesso em: 13 mar. 2025.

FERREIRA, J. P. et al. Effects of physical exercise on the stereotyped behavior of children with autism spectrum disorders. *Medicina (Kaunas)*, [S.l.], v. 55, n. 10, p. 685, 14 out. 2019. DOI: 10.3390/medicina55100685. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6843401/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FAGANELLO GEMENTE, F. R. ; MATTHIESEN, Sara Quenzer . Formação continuada de professores: construindo possibilidades para o ensino do atletismo na Educação Física escolar. *EDUCAR EM REVISTA (IMPRESSO)* , p. 183-200, 2017.

GAMA, Leandro Ricardo da. Desenvolvimento motor e inclusão: benefícios do treinamento físico para crianças com autismo. **APAE Ciência**, v. 22, n. 2, p. 1-15, 2024.

GUERRA, S. R. C. Há diferenças de gênero na manifestação do autismo? 2020. Monografia (Especialização em Transtorno do Espectro do Autismo) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

GILBERT, W. D.; MARTIN, J. J. Inclusion of youth with autism spectrum disorder in sport and physical activity: a systematic review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 33, n. 3, p. 290-306, 2016.

GOMES, A. O.; MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G. Atletismo para crianças e jovens: um projeto de extensão universitária. *Revista Ciência em Extensão*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 6-15, 2011

GORSKI, G. M.; PEREIRA, D. L. Iniciação e treinamento desportivo em atletismo: projeto de extensão universitária. [S.l.]: [s.n.], 26 abr. 2013

HEIDRICH, T. E. et al. Content validity of an instrument for motor assessment of youth with autism. *Fisioterapia em Movimento*, v. 35, p. e35135, 23 set. 2022.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. *History of the Paralympic Movement*. Disponível em: <https://www.paralympic.org/ipc/history>. Acesso em: 11 ago. 2025

JESUS, A. da C. de. et al. Benefícios da prática de atividade física para crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 7, p. e2013746235, 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i7.46235. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/46235>. Acesso em: 12 mar. 2025.

LEWIS, K. A. et al. Barriers and facilitators to sport participation for individuals with autism spectrum disorder: a qualitative study. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 47, n. 10, p. 3081–3093, 2017.

LI, Y., FENG, Y., ZHONG, J. et al. The Effects of Physical Activity Interventions in Children with Autism Spectrum Disorder: a Systematic Review and Network Meta-analysis. *Rev J Autism Dev Disord* (2023). <https://doi.org/10.1007/s40489-023-00418-x>

LOURENÇO, C. C. V. et al. Avaliação dos efeitos de programas de intervenção de atividade física em indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 21, p. 319–328, jun. 2015.

LOURENÇO, C. C. V. et al. A eficácia de um programa de treino de trampolins na proficiência motora de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 22, p. 39–48, mar. 2016.

MATTHIESEN, S. Q; FAGANELLO GEMENTE, F. R. ; GINCIENE, G. ; SILVA, E. V. M. E. ; SILVA, T. P. F. ; GUIMARAES, V. D. . Sobre materiais alternativos para o ensino do atletismo. *CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE*, v. 8, p. 45-58, 2017.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? por que é importante? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2005.

MONTEIRO, Carlos Medeiros; SALES, Jussara Jane Araújo; SALES, Rosa Janisara Araújo; NAKAZAKI, Takeche Gomes. Pessoa com deficiência: A história do passado ao presente. *Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad*, Universidad de Jaén, v. 2, n. 3, p. 221–233, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5746/574660899019/html/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

MONTEIRO, C. E. L. et al. Criação e determinação da validade de uma bateria de teste para coordenação motora em crianças com autismo. *Motricidade*, v. 19, n. 3, p. 246–253, set. 2023.

PETRIS, B. da C. *Teoria e prática do atletismo*. [S.l.]: Seses, 2016.

RUFFINO, C.; GUEUGNEAU, N.; GROSPRÊTRE, S. Barriers and facilitators to sports participation in autistic Europeans: insights from a large-scale questionnaire survey. *Frontiers in Sports and Active Living*, v. 7, p. 1580462, 16 jul. 2025. DOI: 10.3389/fspor.2025.1580462.

SPEYER, R., Chen, YW., Kim, JH. *et al.* Non-pharmacological Interventions for Adults with Autism: a Systematic Review of Randomised Controlled Trials. *Rev J Autism Dev Disord* **9**, 249–279 (2022). <https://doi.org/10.1007/s40489-021-00250-1>

TOSCANO, C. V. A. et al. Neuroinflammation in autism spectrum disorders: Exercise as a “pharmacological” tool. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 129, 63–74. 2021.

TOSCANO, C. V. A. et al. Exercise improves the social and behavioral skills of children and adolescents with autism spectrum disorders. *Frontiers in Psychiatry*, v. 13, p. 1027799, 2022.

WANG, YanAn; QIAN, Guoping; MAO, Sujie; ZHANG, Shikun. *The impact of physical exercise interventions on social, behavioral, and motor skills in children with autism: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials*. **Frontiers in Pediatrics**, v. 13, 2025. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/pediatrics/articles/10.3389/fped.2025.1475019>. Acesso em: 29 jan. 2025. DOI: <https://doi.org/10.3389/fped.2025.1475019>. ISSN 2296-2360.